

## **CAETANO VELOSO VAIADO NO TUCA!**

**GLEDSON GIOVANNI ASSELTA**

Quem diria que um dos maiores nomes da música popular brasileira fora vaiado a ponto de perder a compostura diante do público?

Tudo começou em maio de 1968, quando o empresário Guilherme Araújo chegou com um recado da TV Globo do Rio (que na época era infinitamente menos importante que a TV Record de São Paulo), convidando Caetano e Gil a participarem do Festival Internacional da Canção (FIC). No início, Caetano recusou: afinal era totalmente contra o modelo estético imposto pelos organizadores do festival. Guilherme insistiu, pedindo que entrassem com qualquer obra, pois seria um acontecimento com divulgação e cobertura jornalística internacional.

Caetano começou a ver ali uma oportunidade de enfatizar seus ideais tropicalistas, que eram avessos aos padrões estéticos da MPB daquela época. Isso o fez lembrar de uma frase que havia lido em uma reportagem na revista Manchete sobre os estudantes em Paris, na qual ele tinha encontrado uma fotografia em que se lia, pichado numa parede: “É proibido proibir”. Essa frase o inspirou na criação de uma música, aonde se verifica a afirmação repressiva dos valores estabelecidos pela estrutura social então vigente.

Na primeira estrofe, essa verificação vai das restrições sexuais familiares (“A mãe da virgem diz que não”), à manipulação das consciências pela economia capitalista de consumo (“E o anúncio da televisão”), à codificação da ideologia dominante numa super-estrutura jurídica e formal (“Estava escrito no portão”), ao cerceamento da liberdade artística através da estética tradicional (“E o maestro ergueu o dedo”) e, finalmente, ao policiamento organizado dos interesses da classe dominante (“E além da porta há o porteiro”). A estrofe se fecha com o refrão negador: “E eu digo não/ E eu digo não ao não/ E eu digo é proibido proibir”.

Essa negação é explicitada pela antítese da segunda estrofe. Caetano recusa as restrições sexuais (“Me dê um beijo meu amor”) e convoca ao protesto geral, com uma nítida evocação às manifestações estudantis em Paris (“Eles estão nos esperando/ Os automóveis ardem em chamas”). Ele propõe, então, uma reformulação radical de todos os valores estabelecidos através de palavra de ordem do espírito anárquico (“Derrubar as prateleiras / as estantes / as estátuas / as vidraças / louças / livros”).

Caetano acaba cedendo e decide inscrever essa música no FIC sob o mero pretexto de fazer daquela apresentação um acontecimento, que reforçaria o conceito do tropicalismo. Gil seguiu sua decisão e trocaram de bandas: Caetano iria com “Os Mutantes” e Gil com os “Beat Boys”, rebatizados de “Os Bichos”.

Quando Caetano executou “É Proibido Proibir”, Gil já havia sido desclassificado com a música “Questão de Ordem”, sem, contudo, ter

causado qualquer reação negativa na platéia, como era esperado. O público, no entanto, aguardava o cabeludo e politicamente incorreto Caetano,

novamente acompanhado por guitarras para, então, recebê-lo agressivamente.

Caetano entrou no palco enfurecido pela desclassificação de Gilberto Gil e, diante das vaias, improvisou um belo discurso, atingindo seu objetivo de tornar aquela apresentação um “acontecimento” positivo para o fortalecimento do movimento tropicalista.

Não há imagem mais perfeita do tropicalismo do que a combinação explosiva da música “É proibido proibir” com a reação do público em relação à sua exibição no Festival Internacional da Canção. Foi a quebra de padrões representada pelos artistas no palco contra os próprios padrões representados pela platéia que, de antemão, já estava preparada (e devidamente municada com ovos e tomates) para protestar contra os tropicalistas.

O tropicalismo se estendeu além das fronteiras da música. Foi um movimento das artes. Figuras como Glauber Rocha (cinema), Haroldo e Caetano de Campos (poesia) e José Celso Martinez Corrêa (teatro) participaram do movimento, contribuindo, em suas respectivas áreas, para a difusão da mensagem de liberdade estética que propunham.

Considerando o que Caetano Veloso representa hoje para a MPB, fica claro que as vaias daquela platéia pouco ou nada significaram para a

continuidade de sua brilhante carreira. Sua técnica e criatividade, assim como a de outros artistas, estão muito além de qualquer manifestação momentânea de pessoas que agiram simplesmente por inércia.

## **O TROPICALISMO**

O Tropicalismo foi um movimento de ruptura que sacudiu o ambiente da música popular brasileira entre 1967 e 1968. Liderado por Caetano Veloso e Gilberto Gil, contou com a participação de Gal Costa, de Tom Zé, da banda Os Mutantes e do maestro Rogério Duprat. Nara Leão e os letristas Capinan e Torquato Neto completaram o grupo, que teve, ainda, em Rogério Duarte um de seus mentores intelectuais.

Os tropicalistas deram um histórico passo à frente, em um meio que ameaçava se tornar regressivo, dominado pelas posições nacionalistas da esquerda.

Contra essas, o grupo baiano procurou universalizar a linguagem da MPB, incorporando o rock e a guitarra. Suas idéias acabaram impulsionando a modernização, não só da música, mas da própria cultura nacional.

O tropicalismo renovou radicalmente a letra de música, que se elevou ao status de poesia. Compôs um quadro crítico e complexo do país - uma conjunção do Brasil arcaico, do moderno e até do futurista. Sofisticou o repertório de nossa música popular, instaurando procedimentos e questões até então associados ao campo erudito.

Sincrético, misturou rock, bossa nova, samba e baião. Pop e folclore. Alta cultura e cultura de massas. Tradição e vanguarda.

Aprofundou o contato com formas populares ao mesmo tempo que assumiu atitudes experimentais.

Irreverente, a Tropicália transformou os critérios de gosto vigentes, não só quanto à música e a política, mas, também, quanto à moral e ao comportamento, ao corpo, ao sexo e ao vestuário. A cultura hippie foi assimilada, com a adoção da moda dos cabelos longos encaracolados e das roupas berrantemente coloridas.